

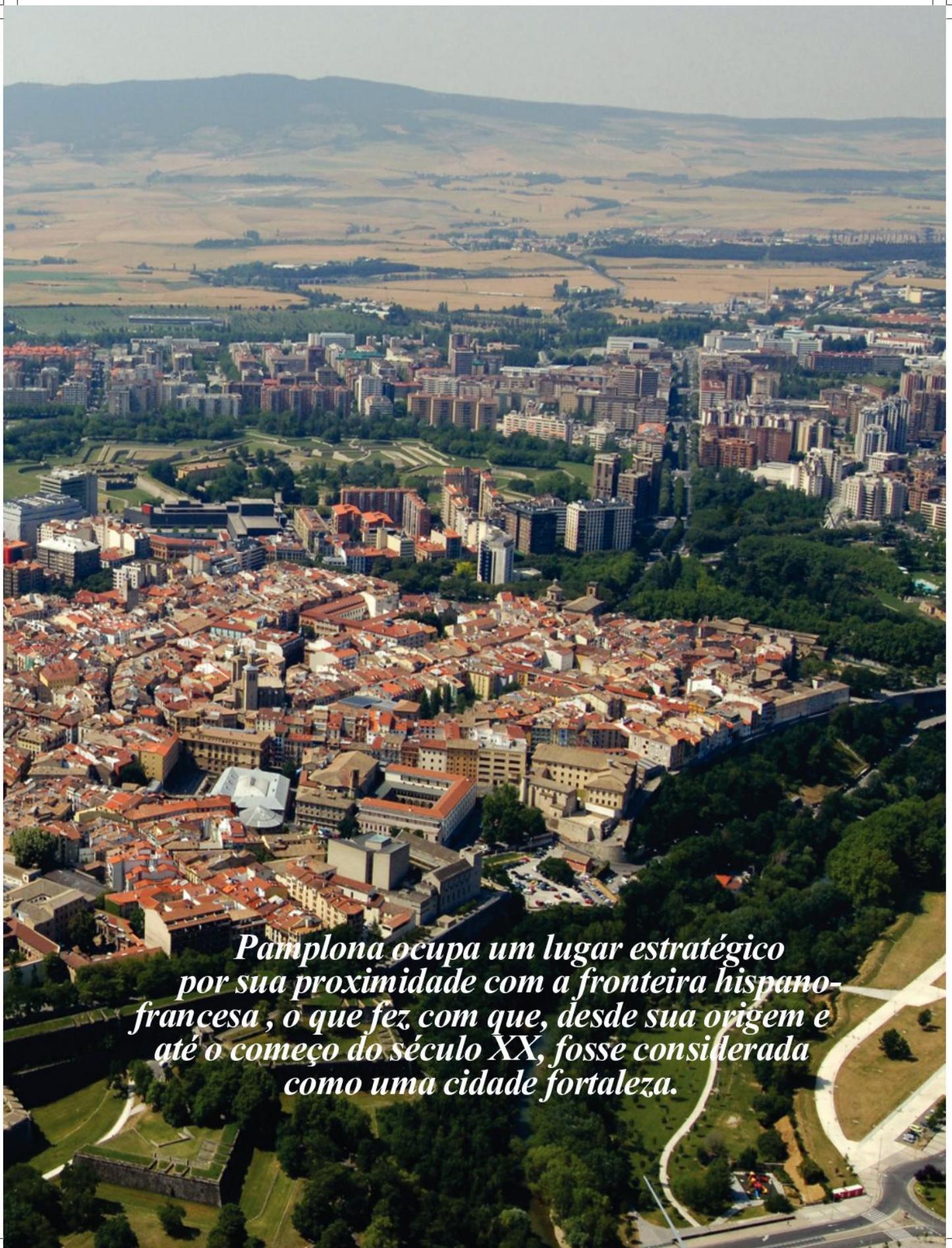
A PRACA FORTE DE PAMPLONA

ESPAÑHA



Jose Vicente Valdenebro Garcia

Imagen aérea de Pamplona,
fronteiras de Magdalena e da França
@Valdenebro



Pamplona ocupa um lugar estratégico por sua proximidade com a fronteira hispano-francesa, o que fez com que, desde sua origem e até o começo do século XX, fosse considerada como uma cidade fortaleza.

Introdução

Pamplona ocupa um lugar estratégico por sua proximidade com a fronteira hispano-francesa ($42^{\circ} 49' 6.2''$ N, $1^{\circ} 38' 38.8''$ W), o que fez com que, desde sua origem e até o começo do século XX, tenha sido considerada como uma cidade fortaleza. Sua fundação remonta ao inverno do ano de 75 a 74 aC. quando Pompeu implantou seu acampamento no entorno da atual Catedral. Desde então, foi vista como um enclave estratégico para dominar as passagens desde a França até o interior da Espanha através do Pirineu Ocidental, situação que lhe impôs como condição de estar sempre fortificada. Como praça forte de primeira ordem, seu complexo fortificado foi aperfeiçoando-se para adaptá-lo às novas táticas bélicas ao longo de sua história. Sua transformação mais importante ocorreu durante o reinado de Felipe II, com a construção de sua fortaleza pentagonal, que, além do mais, obrigou a construção de duas novas faces / fachadas fortificadas para conectá-la com as antigas muralhas da cidade.

A perda da eficácia defensiva de suas muralhas como consequência dos avanços da Artilharia, unida ao forte crescimento demográfico, fez com que estas passassem a ser um estorvo para a cidade e, portanto, um obstáculo a vencer. O desenvolvimento da rede urbana originou a demolição em 1889 de dois baluartes da fortaleza, para permitir a construção da Primeira Ampliação, e do mesmo modo para sua face / fachada sul, entre 1915 e 1921, para possibilitar a construção da Segunda Ampliação. A partir de 1950, ocorreu uma época de tomada de consciência sobre o valor patrimonial das antigas muralhas e realizaram-se alguns trabalhos de restauração e recuperação. A parte conservada, construída entre os séculos XVI e XVIII, foi declarada Monumento Histórico-Artístico Nacional, em 1939, o complexo fortificado e, em 1973, a fortaleza.

Por outro lado, a partir de 2005 se decide dar um impulso definitivo à sua restauração com um ambicioso programa de ações. Desde então, as fortificações de Pamplona se converteram em um ponto chave para o desenvolvimento de todo tipo de atividades, in-

tegrando-se na vida sócio-cultural da capital navarra. É possível percorrer o complexo fortificado, com uma longitude que supera os 5km, livre de barreiras arquitetônicas. Além disso, a cidade conta com o Centro de Interpretação das Fortificações de Pamplona localizado no Forte de San Bartolomé.

Este trabalho de conservação foi distinguido com o “Prêmio União Europeia de Patrimônio Cultural / Prêmio Europa Nostra 2012” na categoria de Conservação, edição na qual também mereceu o Prêmio Especial do Público, ao ser eleita pelos cidadãos da União Europeia como a melhor atuação de todas as premiadas. As fortificações de Pamplona constituem na atualidade um dos conjuntos defensivos abaluartados mais interessantes e mais bem conservados da Europa.

Origem e primeiras defesas de Pamplona

Desde o primeiro assentamento romano (ano 74 aC.) onde hoje é a Navarrería, Pamplona adquire sua condição de praça forte, ao ocupar uma posição estratégica dominando as passagens para a Península Ibérica através do Pirineu Ocidental. Seu complexo fortificado original foi se modificando, crescendo durante a época medieval, período no qual, próximos à cidade se construíram dois novos burgos, com população de distintas origens, atraída pela consolidação do Caminho de Santiago. Desde esse momento coexistem, no que deveria ser uma única cidade, três cidades distintas com suas muralhas diferenciadas e separadas por fossos ou terra de ninguém: a cidade da Navarrería (que até 1276 incluía o Burgo de San Miguel), o Burgo de San Cernin e o Povoado de San Nicolás.

Com a unificação dos burgos em 1423, sob o reinado de Carlos III, mediante o “Privilegio da União”, adaptam-se essas defesas criando um único complexo fortificado para a totalidade da cidade, unido aos palácios já existentes e ao castelo medieval.

Em 1513, depois de conquistar o Reino de Navarra, Fernando, “o Católico”, ordenou



a construção do Castelo de Santiago, conforme o projeto de Pedro Malpaso, e se preocupou em modernizar, ampliar e reforçar o complexo fortificado da cidade medieval.

A construção da fortaleza e novas muralhas sob o reinado de Felipe II

Durante o reinado de Felipe II, ocorreu a transformação mais importante do complexo fortificado de Pamplona. Em 1569, o engenheiro Juan Bautista Antonelli visitou a praça de Pamplona e entregou ao rei um amplo relatório com as ações que considerava mais urgentes. Entre elas priorizava a construção de uma nova fortaleza “moderna” para recomendar o Castilho de Santiago que tinha se tornado antiquado. Desta maneira, se garantia a defesa da praça e da fronteira com a França frente a “todo o perigo extrínseco” e, por sua vez, ficava “seguro do perigo intrínseco” ou possíveis sublevações interiores.

Em 11 de julho de 1571, iniciaram-se as obras de uma nova fortaleza pentagonal projetada por Giacomo Palearo “el Fratín”, e na qu

Superposição do recinto fortificado do século XVIII sobre a ortofoto de Pamplona

- 1 - Forte de San Bartolomé (*Centro de Interpretação das Fortificações de Pamplona*);
- 2 - Baluarte de Labrit;
- 3 - Passeio de Ronda de Bispo Barbazán (*Fachada da Magdalena*);
- 4 - Catedral de Santa María la Real;
- 5 - Baluarte del Redín;
- 6 - Baluarte baixo de Guadalupe;
- 7 - Revelim dos Reis;
- 8 - Portal de França ou Zumalacárregui;
- 9 - Baluarte baixo do Pilar;
- 10 - Baluarte do Abrevador;
- 11 - Arquivo Geral de Navarra (*antigo Palácio dos Reis*);
- 12 - Prefeitura;
- 13 - Baluarte de Parma;
- 14 - Portal da Rochapea (*demolido em 1914*);
- 15 - Passeio de Ronda – Fachada da França;
- 16 - Portal Novo (*demolido em 1906*);
- 17 - Baluarte de Gonzaga;
- 18 - Forte de San Roque (*demolido*);
- 19 - Revelim de San Roque;
- 20 - Baluarte da Taconera;
- 21 - Portal da Taconera (*demolido em 1905*);
- 22 - Baluarte da Vitória (*demolido em 1880*);
- 23 - Baluarte de Santiago;
- 24 - Baluarte de Santa María;
- 25 - Baluarte Caballero Real;
- 26 - Baluarte de San Antón;
- 27 - Revelim de Santa Teresa (*demolido em 1889*);
- 28 - Revelim de Santa Ana;
- 29 - Revelim e Contraguarda de Santa Isabel;
- 30 - Revelim e Contraguarda de Santa Clara;
- 31 - Revelim de Santa Lucía;
- 32 - Porta de Socorro;
- 33 - Porta principal da fortaleza;
- 34 - Corpo da Guarda;
- 35 - Forno;
- 36 - Pavilhão de Explosivos;
- 37 - Paiol;
- 38 - Sala de Armas;
- 39 - Forte do Príncipe;
- 40 - Revelim e Portal de San Nicolás (*demolido em 1906*); Baluarte da Rainha (*demolido em 19015*);
- 41 - Revelim e Portal de Tejería (*demolido em 1915*).

Infografia da evolução de Pamplona.



Pamplona dos três burgos, aproximadamente ano 1400



Pamplona na época de Carlos I, aproimadamente. ano 1542

também tomou parte ativa o Capitão General Vespasiano Gonzaga, italiano de nascimento e bom poliorcético, que um ano mais tarde seria nomeado Vice-Rei de Navarra. Inspirada na fortaleza de Amberes, obra de Paciotto de Urbino, tida com cinco baluartes, os quais foram batizados com os nomes de: San Antón, o Real de San Felipe, Santa María, Santiago e Victoria. Em seu interior contava com capela, quartéis, armazens, forno, paiol e outras dependências que foram sendo ampliadas e anexadas nos séculos XVII e XVIII. Diante da escassez de recursos, em sua construção, utilizou-se a pedra do antigo Castelo de Santiago.

A construção da fortaleza, em sua atual localização, trouxe, como consequência, o traçado, por volta de 1580, de duas novas fachadas de fortificações, para ligá-las com as da praça. A primeira unia a fortaleza com o baluarte de La-brit e comprendia os novos baluartes de San Nicolás e La Reina, que seriam derrubados entre 1915 e 1920 para possibilitar a Segunda Ampliação da cidade; e a segunda unia a fortaleza com a fachada norte da cidade, dando lugar aos novos baluartes de Gonzaga e da Taconera.

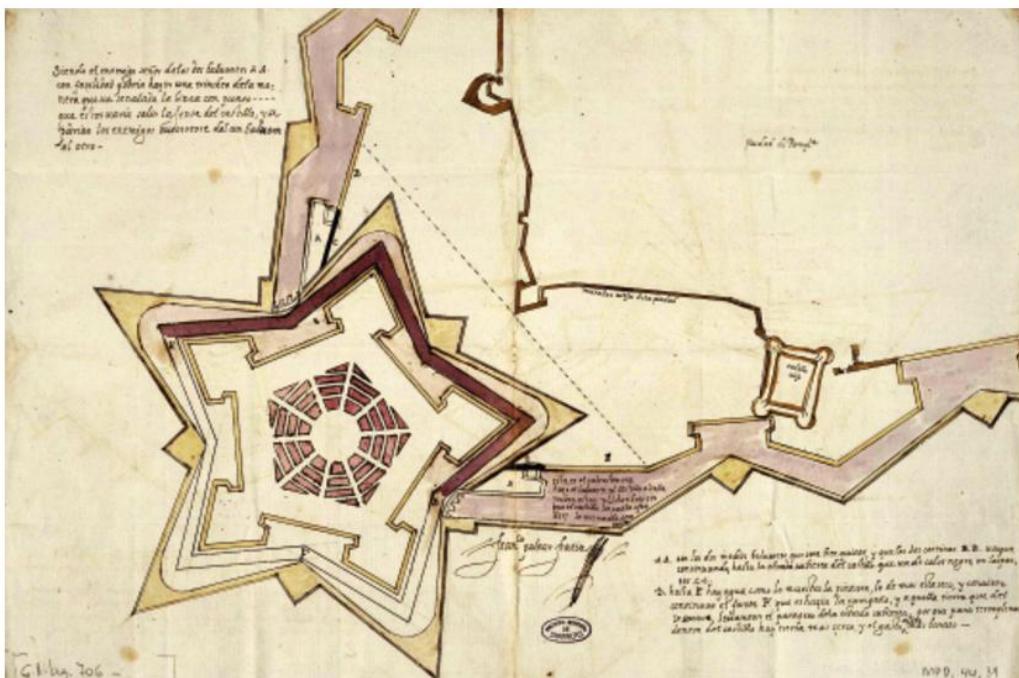
Devido à sua grande extensão e à falta de recursos econômicos, estas novas fortificações foram executadas inicialmente mediante terraplanagens, com estacas e fossos escavados no terreno. Com essa ampliação do complexo se tornou inútil a velha muralha medieval. Em 1584 Felipe II escrevia ao engenheiro Fratín sobre a necessidade de derrubar as muralhas velhas e ta-

par os fossos; foi então quando foram demolidos os baluartes medievais de San Llorente e da Torredonda. Posteriormente, foram abertos quatro novos portais: o da Tejería, em 1640, durante o reinado de Felipe IV, e os da Taconera e San Nicolás, em 1666, e o da Porta Nova, em 1675, durante o reinado de Carlos II.

Defesas exteriores; Contraguardas, Revelins e Lunetas

No reinado de Carlos II “o Enfeitiçado”, e conforme o projeto do engenheiro Juan de Ledesma, em 1685, a fortaleza foi aperfeiçoada com a construção de quatro meias luas de nova edificação (Santa Lucía, Santa Clara, Santa Isabel e Santa Ana) que se somavam à de Santa Teresa, que já existia diante da porta principal. Uns anos mais tarde, entre 1689 e 1691, as contraguardas foram construídas de Santa Clara (ou San Francisco Javier) e de Santa Isabel (ou San Saturnino), obra do engenheiro Esteban Escudero. Corresponde também a esta época a meia lua de San Roque, construída entre os baluartes de Gonzaga e da Taconera, finalizada em 1699.

Apesar dessas melhorias, as defesas de Pamplona não cumpriam com as condições que devia apresentar a praça forte mais importante ante a vizinha França. Por isso, depois da Guerra de Sucessão, em 1714, Felipe V se interessou por sua modernização. Em



Planta do Castelo de Pamplona com as reformas que deveriam ser realizadas para segurança e defesa. Francisco Palear Fratin, 25 de setembro de 1608

@AGS

Os novos Fortes e Baluartes

1711, o primeiro monarca da dinastia Borbon tinha criado o Corpo de Engenheiros seguindo o modelo que desde muitos anos, existia na França, cuja direção recaiu em Jorge Próspero de Verboom, nomeado engenheiro geral dos exércitos, praças e fortificações de to-

dos os reinos, províncias e estados. Verboom, que tinha se formado com Vauban, em 1726, remete ao rei um projeto geral, o último que se realizou efetivamente, para a fortaleza e a praça, que guiará durante todo o século XVIII as obras de melhorias do conjunto fortificado. A este projeto se sucederam interessantes propostas de engenheiros militares como



Revelín e contraguarda de Santa Isabel da fortaleza de Pamplona

@Buzunariz



@Valdenebro

Vista aérea da fortaleza de Pamplona

Juan Martín Zermeño, em 1756, e Antonio Hurtado, em 1796, que finalmente não foram executados.

Verboom projetou um complexo duplo de fortificações nas zonas mais expostas mediante obras avançadas com o objetivo de retardar possíveis ataques. A defesa do Baluarte del Redín e Portal de Francia foi melhorada com a construção dos baluartes baixos de Guadalupe e do Pilar, e o revelim dos Reis. Igualmente, em 1730, começou a construção dos fortões de San Bartolomé, San Roque e do Príncipe. O primeiro dos fortões se conserva em perfeito estado e hoje em dia é o Centro de Interpretação das Fortificações de Pamplona; o segundo desapareceu visto que não foi construído com pedra; e do terceiro se conserva a base de seu alicerce no interior de um edifício destinado à residência de estudantes.

Na fortaleza, foi modificada a localização da Puerta de Socorro e foram construídas

treze cúpulas a prova de bombas, e junto a esta porta, foi edificada a Sala de Armas (arsenal de artilharia) e foram melhoradas outras edificações com a construção de cúpulas a prova de bomba como é o caso do paiol, o edifício de explosivos e o forno.

Esses projetos terminariam em 1756, reinando já Fernando VI. Durante a metade restante do século e o século XIX continuaram sendo realizados projetos de modernização do conjunto fortificado, de acordo com as limitações de natureza econômica. Na guerra contra a Convenção Francesa, a da Independência (na qual Pamplona, ocupada pelos franceses, sofreu um longo e penoso bloqueio) esteve a ponto de ser explodida pelos invasores. O assédio dos Cien Mil Hijos de San Luis e o novo bloqueio por parte dos carlistas, em 1874, foram experiências mais ou menos afortunadas, das quais se extraíram conclusões. A última delas colocou em jogo a eficácia defensiva das for-



Fachada da França:
Baluartes de
Guadalupe e do
Pilar; e revelim dos
Reyes

@Prieto

tificações, o que daria lugar ao início de gestões a distintos níveis para tratar de conseguir a autorização para sua derrubada, com vistas à ampliação da cidade.

Em 1858, os engenheiros Ortiz de Pinedo e Rodríguez Arroquia elaboraram um projeto de nova construção, que, caso fosse executada, significaria o desaparecimento das muralhas do século XVI. A partir de 1878 se iniciou a construção do Forte de Afonso XII, no monte de San Cristóbal, que viria a materializar as novas teorias sobre técnicas de fortificação. Este Forte, desenhado pelo engenheiro militar Jose de Luna e Orfila, fez parte de um plano geral de defesa da fronteira com a França. Seus principais objetivos foram: resistir aos ataques da artilharia e infantaria inimiga, ter capacidade de autodefesa, impedir a aproximação do inimigo à bacia de Pamplona e ocupar o cume do Monte San Cristóbal. Nunca chegaria a ser empregado com fins bélicos.

A queda das Muralhas

Enquanto que para o estamento militar a manutenção das fortificações de Pamplona era

fundamental, para a população, as muralhas simbolizavam a opressão, o fechamento ao progresso, à modernidade e a impossibilidade de expansão urbana. Essa situação fez com que a Câmara Municipal enfrentasse, por mais de cem anos, as consequências da Guerra para conseguir a eliminação de suas muralhas.

Terminada a Segunda Guerra Carlista (1846 – 1849) e tendo em vista a ineficiência de suas fortificações, a Câmara de Pamplona iniciou sua batalha particular pela destruição do recinto fortificado tendo como principal argumento a necessária expansão urbanística de Pamplona devido à superlotação e às precárias condições de higiene da população no perímetro interior da fortificação, algo que havia aumentado notavelmente o nível de mortalidade dos habitantes da cidade. Esta petição viria reforçada pela decisão de construir um moderno forte no monte de San Cristóbal.

Uma Ordem Real do ano 1888 autorizou a derrubada parcial dos baluartes da fortaleza (San Antón e La Victoria) e a inutilização de seu fosso interior, para possibilitar a primeira ampliação da cidade. Em 1905, outra Or-

Forte de San Bartolomé e
Baluarte de Labrit



@Prieto

dem Real autorizou a reforma e demolição parcial de alguns portais com o fim de dar maior amplitude aos acessos à cidade, que eram estreitos para as novas carroagens e veículos motorizados.

E finalmente, a tão esperada autorização para a demolição das muralhas aconteceu em 7 de janeiro de 1915, sendo Alfonso Gaztelu, o prefeito. O início da demolição se deu em 25 de julho desse mesmo ano, sendo um acontecimento celebrado em grande estilo na cidade e noticiado em toda imprensa local como um “dia de júbilo extraordinário”. Em 1921, a demolição necessária para possibilitar a segunda expansão já estava terminada, havendo desaparecidas as telas da frente sul entre a fortaleza e o baluarte de Labrit. Se eliminariam os baluartes de São Nicolás e da Rainha, assim como os portais de San Nicolás e a Tejería.

Praticamente, ao mesmo tempo que começaram as demolições, apareceram as primeiras vozes que defendiam a não demolição por seu valor histórico e patrimonial. Apenas sete anos depois do início dessas demolições, organismos como a Comissão de Monumentos Históricos e Artísticos se opuseram à con-

tinuação das demolições e poucos anos mais tarde começaram a realizar alguns trabalhos de conservação e limpeza das fortificações que haviam ficado de pé. As muralhas seriam declaradas Monumento Histórico-Artístico Nacional, em 1939.

Em 1965, o exército cedeu a fortaleza a Câmara Municipal de Pamplona para fins culturais. Uma pequena cidade que conservou apenas seus edifícios mais interessantes: Paiol, Pavilhão de Explosivos, Forno, Sala de Armas e Corpo da Guarda, os quatro primeiros convertidos em salas de exposição e o último em sala de informação. Hoje em dia constitui um importante espaço cultural e um dos parques mais concorridos para o disbrute de todos os cidadãos.

Perdida a função defensiva, os trabalhos de manutenção deixaram de ser prioridades e, exceto o período compreendido entre 1950 e 1966, no que se atuou de forma generalizada, se realizaram exclusivamente ações pontuais naqueles muros que iam apresentando problemas de estabilidade. Isto fez com que a vegetação se enraizasse entre as placas de pedra, causando problemas na estabilidade e aparência do

monumento. Por sua vez, a cidade antiga, que crescem no interior das muralhas ficou obsoleta e com sua infraestrutura degradada, algo que se tornou mais premente em relação à proximidade dos limites da fortificação.

Uma década de melhorias na conservação e promoção – 2005-2015

Foi no início do século XXI quando, debaixo do mandato da prefeita Yolanda Barcina, se colocou em prática um ambicioso plano para Conservação e Promoção das Fortificações de Pamplona que houve o impulso definitivo para a recuperação da muralha e seu entorno. Baseava-se no Plano Especial de Proteção e Reforma Interior da Zona Histórica (2001), o Plano de Atuação Fortificações de Pamplona (2006) encarregado pelos arquitetos Verónica Quintanilla e Joaquín Torres, e seguia as recomendações internacionais sobre intervenção no patrimônio entre as quais se destacava o Memorando de Viena – Patrimônio Mundial e Arquitetura Contemporânea. Gestão de Paisagem Histórico Urbano (2005),

O plano se centrou em três eixos: O primeiro, dirigido a realizar ações específicas de conservação e restauração do monumento. O segundo, levar adiante melhorias funcionais

no entorno no âmbito de: habitações, equipamentos, espaços públicos e acessibilidade para mobilidade. E o terceiro, voltado para a revitalização e promoção do próprio local fortificado com o objetivo de divulgar seus valores históricos e arquitetônicos.

Desenvolveram-se mais de vinte ações que foram desde a reconstrução do Portal da Taconera em 2002 até a finalização da reconstrução do Baluarte Labrit e Fronte da Magdalena em 2014. Entre elas se realizaram outras ações como: a reurbanização do passeio de ronda correspondente aos frontes da Magdalena e França [2003]; a restauração do fronte da França [2007]; a pavimentação dos caminhos interiores da fortificação [2006]; a construção de uma nova estação de ônibus que permitiu a reconstrução das telas, fosso, contracearpa e o declive de revelim de Santa Lucía [2007]; a restauração das telas das muralhas e a reurbanização do passeio de ronda junto ao Arquivo Geral de Navarra, antigo Palácio dos Vice-Reis de Navarra [2009]; restauração do conjunto da Taconera com intervenções no passeio da ronda, baluarte de Gonzaga, baluarte da Taconera, revelim de San Roque e Portal Nuevo [2009]; a restauração do fronte da Rochape e urbanização da praça Virgem de la O [2010]; a restauração das defesas exteriores da fortificação com ações nas contraguardas.



Revelim e
contraguarda de
Santa Clara,
antes e depois
das obras de
restauração

@Valdenebro

Nova estação de
autobuses e
recuperação do
revelim de Santa
Lucía da cittadela
de Pamplona



@Valdenebro

Elevadores urba-
nos Rochapea-Calle
Descalzos @Cutillas



@Cutillas

Elevador urbano
da Meia Lua e
passarela de
pedestres



@De Luis

das e nos revelins de Santa Clara e Santa Isabel, no revelim de Santa Ana e na Puerta de Socorro [2011].

Essas intervenções se completaram com três importantes ações no âmbito da mobilidade e acessibilidade urbana: a construção dos elevadores em frente ao Rochapea que liga este bairro e a rua Descalzos na Zona Histórica da cidade evitando uma subida de 30 metros [2008]; o elevador urbano da Media Luna que economiza uma subida de 20 metros [2010]; e uma passarela de 73 metros junto ao Baluarte de Labrit que liga o centro histórico e Segundo Ensanche [2010]. Com estas ações se realizou o sonho de ligar bairros que as muralhas e o próprio terreno haviam separado historicamente, criando novos eixos de pedestres e convertendo o passeio da ronda da muralha em uma agradável caminhada de quase cinco quilômetros.

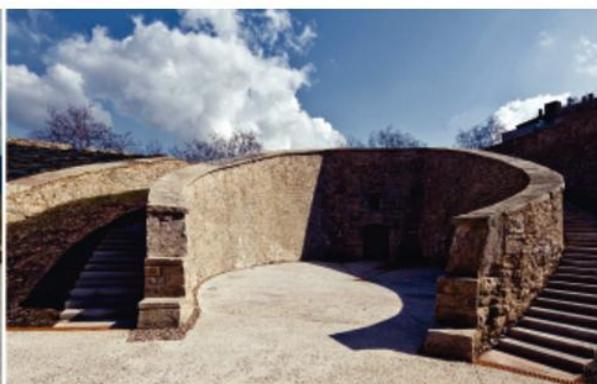
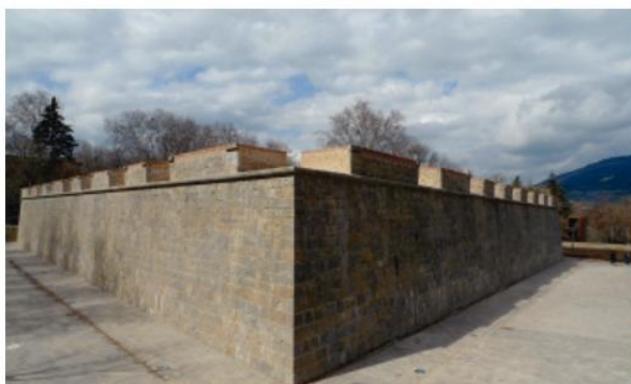
No início de 2011, finalizava a restauração do Fortim de San Bartolomé que se converteu no Centro de Interpretação das Fortificações de Pamplona. Trata-se de uma construção singular, o último elemento da fortificação que foi erguida no final do século XVII, que voltou a abrir suas portas como ponto de encontro e acolhimento para cidadãos e visitantes, como espaço que explica, de forma didática, participativa e adaptada as diferentes idades e capacidades, a evolução das muralhas de Pamplona; o progresso e o aperfeiçoamento das técnicas de ataque e defesa; um lugar que aproxima o visitante à forma de vida e as tradições no interior da fortaleza; um lugar em que às muralhas de

Pamplona dialoga com outras fortificações espanholas, europeias e americanas.

A partir desse centro é possível desfrutar de um agradável passeio totalmente acessível de mais de cinco quilômetros de comprimento pela borda da muralha. Este percurso foi complementado por painéis e mesas interpretativas dotadas de infográficos explicativos da evolução de um conjunto fortificado e de informações em vários idiomas de sistema de leitura braille.

Em resumo, mais de vinte ações com um investimento superior a 80 milhões de euros, incluindo algumas novas dotações e infraestruturas (estação de ônibus, parques de estacionamento subterrâneos, centro de interpretação...) cuja integração se tornou uma oportunidade para possibilitar a investigação arqueológica e a restauração do monumento. Essas ações foram possíveis graças a uma procura ativa de recursos econômicos concretizados no cofinanciamento por parte do Governo de Navarra, do Governo da Espanha e da União Europeia. A Câmara Municipal não teria sido capaz de assumir pelos seus próprios meios e, além disso, muito provavelmente, os cidadãos não teriam compreendido que, existindo outras necessidades na cidade, a assembleia as teria realizado por seus meios.

Uma vez alcançados estes objetivos e depois de todo o trabalho e recursos investidos, não se devia cair na autossatisfação e deixar que com o passar do tempo os agentes externos novamente causassem patologias nas telas e estruturas restauradas. Com essa abordagem, durante o mandato do pre-



Fortín de São Bartolomeu – Centro de Interpretação das Fortificações de Pamplona

@Prieto

Baluarte de Pilar e Portal da França, pelo qual acessa o Caminho de Santiago à cidade. Conta com uma ponte levadiça cuja manobra de abertura se realiza todos os anos na tarde de 5 de Janeiro para permitir a passagem dos Reis Magos



Mesas interpretativas do monumento



feito Enrique Maya, foi desenhado um plano de manutenção e conservação preventiva baseado em uma metodologia de trabalho sistemático que permite identificar, avaliar, detectar e controlar os riscos de deterioração do monumento.

A realização desses trabalhos contínuos ao longo do tempo é fundamental para a sustentabilidade do patrimônio e, por conseguinte, a única forma de evitar a sua rápida deterioração e a necessidade de empreender novas ações complexas e dispendiosas. No final de 2014, foram adjudicados pela primeira vez esses trabalhos e hoje já é uma realidade a implementação desse plano, onde ações relacionadas com a melhoria

da acessibilidade, a sinalização e a interpretação do monumento também estão presentes.

O retorno do patrimônio militar tem sido comum na maioria das cidades que ocuparam um lugar relevante na defesa de seus territórios. A condição de fronteira de muitas cidades não só fez que se fortificassem para proteger-se a si mesmas, mas também para resguardar a própria linha divisória entre diferentes países. Por isso, tal como outras interessantes praças fortes, Pamplona deve ser entendida dentro de um conjunto mais amplo como sistema defensivo pirenáico.

Bayona, cidade geminada com Pamplona desde 1960, é uma delas. Teve uma história

Gestão, inovação e desenvolvimento sustentável do patrimônio militar

paralela e seus cidadãos tiveram idênticos sentimentos e aspirações para com suas muralhas: necessidade de defesa, impossibilidade expansiva, ânsia de demolição e finalmente o símbolo de sua cidade a conservar e potenciar. Bayona, Castrum romano na sua fundação, sempre foi uma cidade militar. Suas defesas estratégicas determinaram a evolução da cidade até o início do século XX.

Esse ponto de vista, pelo qual é difícil entender o patrimônio fortificado desde a individualidade, levou Pamplona e Bayona a beneficiarem-se de financiamento da União Europeia. Ambas as cidades empreenderam juntas, com o projeto FORTIUS, o Projeto de valorização turística e cultural do patrimônio fortificado de Pamplona e Bayona, um caminho focalizado à compreensão conjunta de seu patrimônio defensivo, gerando um sentido de identidade e de coesão que ajuda a consolidar o sentimento de pertencimento à União Europeia dos seus habitantes. Um projeto que o país com o foco no desenvolvimento econômico e promoção de emprego em ambas as cidades, aproveitando a oportunidade que se oferecia o patrimônio fortificado e a busca de sua capitalização e gestão sustentável.

O projeto Fortius (2011-2015) inscreveu-se no âmbito do Programa Operacional de Cooperação Territorial Espanha - França - Andorra [POCTEFA] promovido pela Comunidade de Trabalho dos Pirenéus [CTP] e contou com o financiamento dos Fundos Europeus para o Desenvolvimento Regional – FEDER. O financiamento deste projeto permitiu completar alguns trabalhos de restauração como é o caso do Baluarte de Labrit e realizar um Plano Paisagístico da frente de Magdalena no qual se buscava um equilíbrio entre o monumento e a vegetação de seu entorno.

E assim se destacou, porque conseguiu encher de vida as muralhas de Pamplona. O financiamento deste projeto permitiu que se desenvolvessem muitos eventos entre 2011 e 2015, convertendo o conjunto murado de Pamplona, e especialmente sua cidadela, em um espaço cultural e de lazer. A maior parte da programação de verão do Município de Pamplona foi desenvolvida no ambiente murado sob o nome de Ciudadelarte. Realizaram-se todo o tipo de concertos, jornadas gastronômicas, exposições artísticas, dança vertical sobre as telas da muralha, visitas teatralizadas ou visitas a lugares das muralhas pouco acessíveis e desconhecidos para a maioria dos cidadãos, recriações históricas, atividades esportivas com percursos de running e ciclistas, uma importante corrida noturna anual no entorno das muralhas.

A maior parte dessas atividades foram projetadas para realizar em família. Os cidadãos compareceram em massa aos eventos, com uma importante melhoria nos indicadores turísticos quanto a visitas e pernoites na cidade. Além disso, com essas atividades, pode-se constatar a demanda existente, e o sucesso que representa, por parte de cidadãos e turistas para aproximar-se e compreender o patrimônio defensivo de uma forma diferente. Tratava-se de que os participantes nestas atividades pudessem desfrutar de uma experiência única e pudessem sentir como se fizessem parte da história do monumento.

Outro dos objetivos importantes desse projeto era a pesquisa e divulgação do patrimônio e arquitetura militar dessas cidades. Para o efeito, foram criados sítios web, foram editadas publicações para diferentes tipologias de público e foram realizadas reuniões científicas.

Diante do grande sucesso desta experiência, Pamplona e Bayona desenvolveram Creacity (2016-2019), um novo projeto europeu com objetivos quase idênticos que também incluiu como sócio o município espanhol de Hondarribia. Esse projeto permitiu continuar a inovar e consolidar as atividades mais bem-sucedidas iniciadas nos anos anteriores com o projeto Fortius.



Recriação Histórica do Sítio e Liberação de Pamplona (@Valdenebro)

@Valdenebro

Recorte da cidadela de Pamplona





Revellín e Contraguardia de Santa Isabel da Cidadela

Conclusão

As muralhas urbanas fazem parte indissolúvel da paisagem cultural em que se inserem na vida cotidiana das cidades. É impossível entender a cidade e seu desenvolvimento urbano prescindindo de seu recinto murado, mesmo quando este desapareceu.

As muralhas de Pamplona, em seu dia de barreira por sua função defensiva, são na atualidade lugar de lazer e elemento de integração do patrimônio cultural e ambiental da cidade. O entorno próximo à muralha se converteu em um ponto de encontro e nexo de união dos bairros da cidade, em uma muralha urbana acessível e adaptada aos novos tempos que incorpora modernas dota-

ções. Houve muitos debates e planos sobre como agir em recintos murados. Mas poucas cidades passaram do mundo das ideias para a realidade.

Pamplona conseguiu um perfeito equilíbrio entre conservação e funcionalidade. Os novos usos se tornaram uma oportunidade para a recuperação e enriquecimento da paisagem urbana da cidade, bem como para a pesquisa arqueológica e a restauração do monumento. As novas dotações e as melhorias funcionais permitiram que os cidadãos se aproximassem das antigas muralhas, as sentissem e se apropriassem verdadeiramente delas ao descobrir um patrimônio vivo.

Curriculum Vitae

Dr. Jose-Vicente Valdenebro Garcia

Arquitecto. Professor do Departamento de Engenharia da Universidade Pública de Navarra (Espanha). Membro do ICOMOS. Mestre de Edificação pela Universidade de Navarra, e Diplomado em Direção Geral de Empresas pela IESE Business School. Foi Gerente Municipal do Município de Pamplona [2011-2015] e Diretor da Área de Projetos Estratégicos do Município de Pamplona [2003-2011] onde participou de forma ativa no desenvolvimento urbano da cidade e liderou importantes projetos de regeneração urbana e paisagística como o Plano Integral de recuperação dos Rios de Pamplona, a reurbanização do Centro Histórico e Segundo Ensanche da cidade, o Plano de Conservação e Promoção das Fortificações de Pamplona, o projeto internacional FORTIUS - Valorização turística e cultural do patrimônio fortificado de Pamplona e Bayonne.